

Todos nascemos sem voz e o resto é *drag*: subversões de gênero provocadas por performances vocais de *drag queens* cantoras

Comunicação

Bruno Caldeira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
bruno.caldeira@ifce.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar as subversões provocadas por *drag queens* cantoras nos padrões vocais estabelecidos em função de gênero, especialmente no canto operístico. Para isso, a pesquisa ancora-se nos conceitos de estética dos gêneros (BENTO, 2006) e estética vocal dos gêneros (CALDEIRA, 2021) no âmbito de sua fundamentação teórica. Na metodologia, utiliza-se a análise de vídeos de *Youtube*, especificamente de uma performance da *drag queen* estadunidense Monet X Change em show de talentos do *reality show RuPaul's Drag Race: All Stars: All Winners*. Considerando a voz um dispositivo de normalização e perpetuação de masculinidades e feminilidades vocais, que se forma a partir de experiências socializadoras e educativas que têm como fim a normatização da voz em função do gênero, o trabalho busca evidenciar as performances vocais como construções sociais equiparadas ao processo de uma “montagem” *drag*. A partir da análise da atuação da *drag queen* Monet X Change pretende-se mostrar que os padrões de performance vocal generificada podem ser subvertidos quando se há uma performance vocal masculina saindo de um corpo performando feminilidade e que uma identidade vocal artística não precisa estar atrelada aos padrões vocais convencionados para as diferentes identidades de gênero.

Palavras-chave: estética vocal dos gêneros; performances vocais generificadas; *drag queens*.

Introdução: preparando para a “montagem”

Este trabalho tem como objetivo investigar as subversões provocadas por *drag queens* cantoras nos padrões vocais estabelecidos em função de gênero. Para tanto, esta pesquisa ancora-se nos conceitos de estética dos gêneros (BENTO, 2006) e estética vocal dos gêneros (CALDEIRA, 2021) e considera a construção de uma voz como um processo similar ao de uma “montagem” *drag*.

Grosso modo, a estética dos gêneros pode ser entendida como um dispositivo que se utiliza de indumentárias, acessórios, gestos, comportamentos e ações capazes de tornar visível o corpo como produto de uma suposta disposição natural em função do binarismo

sexo-gênero (BENTO, 2006, p. 90). A estética vocal dos gêneros, por sua vez, é constituída a partir de padrões de ações, gestos e comportamentos vocais que enquadram as vozes em padrões de masculinidades e feminilidades vocais construídos sócio-histórico-culturalmente (CALDEIRA, 2021, p. 104-105).

Para deixar claro de que maneira artistas *drag queens* cantoras se relacionam com os conceitos de estética dos gêneros e estética vocal dos gêneros, é necessário apresentar uma definição para o termo *drag queen*, o que não é tarefa fácil, uma vez que “a *drag queen* não é delimitável, extrapola os sentidos heteronormativos conhecidos e postos socialmente” (NEVES, GOMES, BRAMBATTI, 2020, p. 219). Neste trabalho, entretanto, adota-se a visão de *drag* como sendo uma persona artística, que pode ou não ter como objetivo performar feminilidade por meio de sua “montação”. Assim, nesse contexto, “a *drag queen* é uma personagem, é extravagante, conquista olhares facilmente. Usa roupas chamativas. A maquiagem passa longe da discrição. Os traços são notáveis” (ZAMPIERI, 2017, p. 21).

No intento de incorporar e representar uma persona feminina, uma artista *drag queen* precisa vestir-se com roupas designadas para mulheres, aprender a andar de salto alto, usar a maquiagem para trazer feminilidade ao seu rosto, desenvolver gestos performáticos que se encaixam nos padrões femininos ou, em outras palavras, adequar-se a uma estética de gênero feminina.

Para que sua performance se encaixe de modo satisfatório na estética dos gêneros, a *drag queen*, ao menos em tese, deveria lançar mão de uma performance vocal que seja reconhecida como feminina, valendo-se de recursos e ações vocais diferentes daqueles utilizados em sua performance vocal masculina. No entanto, não é o que tem se observado na prática.

Nos últimos anos houve um grande aumento no número de cantoras *drag queens* em evidência no Brasil e no mundo. Em território nacional, Pablio Vittar, Gloria Groove, Aretuza Lovi, Lia Clark, Kaya Conky e, mais recentemente, Grag Queen são nomes que merecem destaque. Dessas artistas, apenas Pablio Vittar apresenta uma performance vocal que aparenta querer caber na caixa da feminilidade vocal.

Ora, se performar feminilidade vocal é um dos comportamentos esperados para ter uma performance de gênero feminina validada, as *drag queens* acabam por subverter a lógica



do gênero e das performances vocais generificadas ao trazer um padrão de masculinidade vocal a um corpo que performa feminilidade. O interesse desta pesquisa está justamente nesta contravenção de gênero.

Metodologia

Esta pesquisa está sendo realizada a partir da análise de vídeos que podem ser encontrados no site *Youtube*.

Ao se usar um material audiovisual como fonte de pesquisa é necessário se levar em conta que ele é uma “amalgama complexa de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequências de cenas e muito mais” (ROSE, 2002, p. 343) e que necessita de uma atenção maior por parte do pesquisador, uma vez que fornece mais detalhes do que é possível que um ser humano perceba à primeira vista. Assim, esse tipo de análise requer constantes revisitações para que o máximo possível de informações possa ser retirado do vídeo.

Esta comunicação destaca uma análise prévia de um vídeo que registra a atuação da *drag queen* Monet X Change, em um episódio de *show* de talentos do *reality show* *Rupaul's Drag Race: All Stars: All Winners* e busca evidenciar comportamentos, gestos e ações performático-vocais que antagonizem e coloquem em xeque a primazia da estética vocal dos gêneros na construção de performances vocais.

A “montação” da voz: uma análise prévia

A partir desta análise prévia, pretende-se evidenciar que assim como uma *drag queen* se monta utilizando roupas, perucas, maquiagem e acessórios para performar sua *persona* artística, a construção de uma voz também pode ser vista como uma espécie de “montação” a partir de recursos dispostos na estética vocal dos gêneros.



Vi ravviso, o luoghi ameni...

É o penúltimo episódio da temporada¹. A última chance de se estabelecer entre as quatro participantes que disputarão a final do *reality* na semana seguinte. Mas essa não é uma temporada qualquer de *RuPaul's Drag Race* – um programa estadunidense que coloca *drag queens* para disputar o título de “nova *drag superstar* da América” em uma competição que envolve desafios de design, costura, dança, canto, atuação, comédia, entre outras coisas –, é uma temporada em que só vencedoras de outras temporadas estão competindo para ver quem se consagra como “a rainha das rainhas”, a vencedora entre as vencedoras.

O desafio do episódio em questão é um *show* de talentos, ou seja, cada uma das vencedoras deveria apresentar um “talento único”, assim como acontece em concursos de *miss*. RuPaul², apresentadora e idealizadora do programa, anuncia que chegou a vez de Monet X Change se apresentar. Em seguida, um foco de luz se acende no meio do palco e ali está Monet, usando uma peruca volumosa e um vestido longo e elegante, com uma maquiagem impecável e linda, diante de um pedestal com um microfone, o que pode ser visto na Figura 1.

¹ O vídeo pode ser conferido no link a seguir: < <https://www.youtube.com/watch?v=Jht5xk6rBA8>> Acesso em: 15 jul. 2023.

² RuPaul é uma *drag queen*, modelo, cantora que conquistou fama e notoriedade após seu single “Supermodel”, permanecer 14 semanas em ranking elaborado pela Billboard (NEVES; GOMES; BRAMBATTI, 2020, p. 218). Intitulada “*supermodel of the world*” e rainha do *drag*, RuPaul, possivelmente a *drag queen* mais famosa do mundo, pode ser vista como a principal figura responsável pela popularização da arte *drag* no cenário mundial na última década. Seu *reality show RuPaul's Drag Race*, estreado em 2009, já conta com um grande número de temporadas e versões internacionais.

Figura 1: Monet X Change no show de talentos



Fonte: Youtube

Aparentemente ela irá cantar. No passado, Monet já havia participado em um show de talentos na franquia *Drag Race*, inclusive cantando, e não se saiu muito bem. Então, é provável que tenha havido tensão e ansiedade por essa performance, já que ela é uma cantora com formação em canto lírico.

Ouve-se o som de cordas friccionadas e dentro de poucos segundos Monet começa a cantar. A voz que sai de sua boca choca a bancada de jurados, que fica literalmente de queixos caídos. A competidora está cantando a ária “*Vi ravviso, o luoghi ameni*” da ópera *La Sonnambula* de Vincenzo Bellini. Esta ária pertence ao personagem Conde Rodolfo, designado para ser cantado por um baixo e requer, portanto, para sua interpretação, uma voz de tessitura grave que seja potente e pungente. Monet, apesar de não ser classificada como baixo, mas sim como barítono, não deixa a desejar em sua interpretação, emitindo um sonoro e satisfatório sol 1 ao final da canção. Após a demonstração de sua técnica consistente, passando pelo ótimo controle de respiração, voz no ponto e execução de coloraturas, Monet merecidamente recebe aplausos calorosos dos jurados.

Naquela noite Monet foi uma das vencedoras do desafio e conseguiu se classificar para a final do programa como *front runner*.

To put some bass in your face...

Ao anunciar Monet X Change, RuPaul diz a frase supracitada no título desta seção: “*Here, to put some bass in your face, is Monet X Change*”. Em português, a tradução literal

seria algo como: “Aqui, para colocar um pouco de baixo no seu rosto, está Monet X Change”. O período não faz muito sentido na tradução para o português, pois se trata de um trocadilho. RuPaul brinca com as pronúncias parecidas das palavras “*base*” (base) e “*bass*” (baixo), com a base que é utilizada para a construção da maquiagem *drag* e com a tessitura grave da voz de Monet.

Apesar de ser um trocadilho, a frase utilizada por RuPaul pode provocar uma breve discussão sobre uma das subversões de gênero promovidas por Monet. A primeira acontece quando ela faz sua “montação” de *drag*, assumindo uma persona que performa feminilidade e a segunda quando essa persona que performa feminilidade rompe com o padrão de feminilidade vocal que se espera que esteja presente na construção de uma performance de gênero feminina. Isso porque espera-se que homens tenham voz grave e mulheres voz aguda (CALDEIRA, 2019, p. 24).

São várias as *drag queens* cantoras que mantêm um padrão de identidade vocal que não se distancia de uma “performance vocal masculina” e isso pode ter a ver com a própria construção da identidade vocal do cantor, que é perpassada não só pelo gênero, mas também por outros processos de aprendizagem, formação e contato com diferentes contextos sociais que fogem do escopo desta pesquisa.

As artistas *drag*, no entanto, não são as únicas a colocar em xeque as lógicas do binarismo vocal por meio de suas performances vocais. Séculos atrás, os castrados também desafiavam a normalidade da voz generificada, performando uma voz feminina em um corpo masculino e, muitas vezes, representando um herói viril e masculino por meio de suas vozes emasculadas (CALDEIRA, 2021, p. 76).

O surgimento dos cantores castrados, aliás, pode ter tido o mesmo motivo que o surgimento das performances *drag queen*: como era proibido na Idade Média que mulheres atuassem em espetáculos públicos, era necessário que alguém fizesse papéis femininos nas produções de espetáculos artísticos. Assim, homens passaram a utilizar roupas, maquiagens e acessórios femininos para compor personagens (ZAMPIERI, 2017, p. 21). Do mesmo modo, a castração de meninos começou pela necessidade de vozes mais agudas para os serviços litúrgicos da Igreja Católica e logo a prática se espalhou pelos teatros da Itália.



De certa maneira, pode-se dizer que os castrados faziam uma espécie de *drag*, sobretudo quando desempenhavam papéis femininos nas óperas. A voz, se pensada como uma das ferramentas utilizadas na construção de uma personagem feminina, nesse caso, se encaixaria nos comportamentos esperados de quem deseja performar feminilidade a partir dos preceitos da estética vocal dos gêneros e da própria estética dos gêneros.

A força da performance de Monet, “colocando um pouco de baixo em nossos rostos”, vem justamente do fato de ela não procurar se encaixar nos padrões de feminilidade vocal ao realizar a sua performance vocal. Ao usar sua voz baritonal na composição de uma persona artística feminina, Monet bagunça as regras e age como se estivesse usando uma cor diferente daquela esperada para compor sua maquiagem facial. Assim, ela mostra que é possível performar feminilidade a partir de padrões diferentes daqueles que estão convencionados, pois as feminilidades são subjetivas e podem ser construídas e performadas das mais diferentes maneiras. Para além disso, os padrões de voz em função de gênero são socio-histórico-culturalmente desenvolvidos.

Todos nascemos sem voz e o resto é *drag*

RuPaul, autointitulada a “rainha do *drag*” e possivelmente a *drag queen* mais famosa e influente do mundo, canta em sua música *Born Naked* que “todos nascemos nus e o resto é *drag*”. Com isso, RuPaul quer dizer que a maneira como uma estética identitária é construída é uma espécie de “montação” *drag*, ou seja, os indivíduos se montam, valendo-se de recursos visuais, gestuais e performáticos, para terem uma imagem específica e serem reconhecidos a partir da identidade que desejam representar. Na maioria dos casos, a “montação” acontece no sentido de adquirir uma identidade e ser reconhecido pelo outro a partir de uma performance de gênero masculina ou feminina.

As masculinidades e feminilidades são criações e construções sociais feitas sobre um corpo sexuado, a fim de afirmar uma suposta verdade e naturalidade biológica (BUTLER, 2014, p. 253; SCOTT, 1995, p. 75). Nesse contexto, a voz e sua performance podem ser vistas como um dispositivo de normalização e perpetuação de masculinidades e feminilidades e são também construídas socialmente (CALDEIRA, 2021, p. 114-115).



Quando se diz que um indivíduo adquire uma identidade e constrói performances de maneira a ser reconhecido como sendo homem ou mulher, ou desviante desses padrões, é preciso ter em mente que essa construção não é tão livre quanto pode parecer. Desde antes do nascimento se é submetido a uma violenta socialização³ de gênero que tem como finalidade enquadrar as pessoas nas categorias identitárias de homem ou mulher (CALDEIRA, 2021, p. 99-101). Os corpos que, de alguma maneira, fogem desses padrões são socialmente castigados. Assim, a “montação” de uma voz acontece a partir de padrões de ações, gestos e comportamentos vocais regidos pela estética vocal dos gêneros.

Ao compor sua voz, o indivíduo, desde tenra infância, por meio de processos socializadores e educativos aprende que “deverá incorporar um “estilo vocal” que lhe represente enquanto menino ou menina e que será crucial para o desenvolvimento de suas características vocais, primeiro, na fala e, posteriormente, no canto” (CALDEIRA, 2021, p. 106).

Monet X Change é uma *drag queen* que performa feminilidade, mas é a persona artística de um homem cisgênero. Homem esse que passou por um processo de socialização vocal no qual aprendeu a usar a voz na fala ou no canto em função do gênero que lhe foi atribuído. Esse processo de socialização vocal aconteceu não só na esfera cotidiana da vida, mas também em seu processo formativo enquanto cantor de ópera profissional e reverbera em sua performance vocal.

Enquanto cantor lírico, Kevin – nome de Monet *out of drag* – especialmente por ser classificado como barítono, provavelmente foi orientado a usar sua voz de maneira a destacar a virilidade de um homem, tendo em vista que os papéis para vozes masculinas graves na ópera são relegados a homens mais velhos, chefes de família, conquistadores etc. Essa abordagem para o uso da voz no decorrer da construção de uma identidade vocal artística é perpassada por questões de gênero e sexualidade, criando engramas para a performance vocal que poderão estar sempre presentes, mesmo que o cantor não esteja ciente disso.

Para além disso, ao cantar como barítono e usar a voz em uma tessitura predominantemente grave e médio-grave, Monet X Change evoca o principal elemento

³ A socialização pode ser entendida como "um processo que busca a construção de um ser social. Seu caráter é contratual, revestido de forte conteúdo moral e ético, pois implica a orientação segundo padrões de comportamento definidos e legitimados a priori" (SETTON, 2009, p. 297). No caso de uma socialização de gênero, entende-se que o processo de construção do ser social é orientado por padrões generificados de comportamentos e ações.

sonoro capaz de caracterizar uma voz como masculina ou feminina: a altura (CALDEIRA, 2021, p. 115) e, neste caso, o grave. Essa performance vocal vai de encontro à estética corporal de gênero adotada por Monet em sua persona artística, pois se o que se espera de um corpo feminino ou que performa feminilidade é que ele soe mais agudo, mais feminino e mais delicado, então soar grave seria uma “distorção” de uma estética de gênero feminina.

Há outros fatores que complementam grave e agudo na constituição de uma performance vocal generificada. Isso porque

na constituição de uma estética vocal dos gêneros na voz cantada, recursos como modos de fonação, manipulação da relação fonte-filtro (respectivamente, laringe e ressonadores), controle das pressões sub, trans e supra glóticas, articulação, transição entre registros, predominância do uso de determinado registro (ou predominância do uso de maior ou menor fechamento/densidade de vibração das pregas vocais), performance corporal, dentre outros podem ser considerados. Pode ser que a manipulação desses recursos para dar a voz um ar de masculinidade e feminilidade aconteça não intencionalmente e resulta dos processos de naturalização e normalização de padrões de voz, pelos quais o gênero opera, mesmo no canto (CALDEIRA, 2021, p. 115).

Para analisar os ditos fatores que complementam a construção de uma performance vocal generificada a partir da estética vocal dos gêneros, seria necessário descrever a voz de Monet X Change. Entretanto, descrever uma voz não é uma tarefa fácil, uma vez que a voz é um fenômeno sonoro, virtual e temporal. Voz, aliás, é um objeto de estudo fugidivo (TRAVASSOS, 2008, p. 14). Qualquer qualificação ou caracterização de uma voz partirá de uma subjetividade e de um entendimento individual atravessado pela experiência, gosto e capacidade de escuta de quem o faz.

Entretanto, aqui se fará uma tentativa de dar uma ideia das características vocais de Monet em sua apresentação no show de talentos. Se você tem ou já teve contato com o repertório operístico, tente pensar em como a voz de um barítono soa e em suas características tímbricas e sonoras. É uma voz que se encaixa dentro dos padrões baritonais: cheia, brilhante, com o metal característico do canto lírico, carregado de vibrato, firme, quente e por que não dizer *máscula*?

A sensação de masculinidade na voz vem justamente do conjunto de ferramentas que Monet utiliza para montar seu comportamento vocal: uma fonação mais firme, aliada a



uma tessitura grave, sem mudanças bruscas de registro ou mecanismos laríngeos, sem inflexões delicadas, articulação mais firme etc.

Apesar de sua importância, a “montação” da voz de Monet X Change não é perpassada apenas pela estética vocal dos gêneros, mas também pela própria estética do gênero musical que canta. Isso porque para ser reconhecido enquanto cantor de determinado gênero musical, o indivíduo precisa apropriar-se dos engramas performáticos que ele precisa incluir em sua performance vocal para ser reconhecido enquanto um legítimo cantor de ópera, por exemplo (CALDEIRA, 2021, p. 105-106). Assim, Monet precisou aprender a preencher diversos “espaços” identitários: primeiro aprender a ser homem na sociedade em que vive, segundo aprender a usar a voz para ser reconhecido como homem, terceiro aprender a ser cantor, quarto aprender a ser cantor de ópera, mais especificamente um barítono e, por fim, aprender a ser um homem cantando ópera, utilizando, para isso, sua performance vocal.

Ninguém nasce sendo cantor, assim como ninguém nasce sendo homem ou mulher. São categorias identitárias que são aprendidas em um processo de socialização e que em algum momento podem se entrelaçar, sendo que quando se aprende a cantar, via de regra, se aprende a cantar em função do gênero que lhe foi atribuído. O indivíduo nasce “nu” e vai sendo vestido e estilizado por suas experiências, por suas vivências, a partir do seu lugar no mundo, a partir da relação com o outro. Vai aprendendo a se montar, a partir dos acessórios e dos elementos que lhe são apresentados e que ele julga que melhor fará jus àquele papel que deseja desempenhar e pelo qual deseja ser reconhecido. A voz, portanto, é, por assim dizer, uma “montação” *drag* a partir de uma estética vocal dos gêneros, seja a intenção se encaixar ou se desviar.

Desfazendo a “montação”

O mundo musical e operístico tem mudado bastante ultimamente. Há alguns anos seria impensável ter uma voz que destoasse da aparência de gênero do cantor (exceto no caso dos contratenores). Não faz muito tempo, Monet X Change apresentou-se no Minnesota Opera, em uma montagem profissional de espetáculo, cantando como barítono, mas com uma “montação” *drag* feminina, inclusive com direito a *reveal* durante a sua performance.



Também já se sabe da existência de mulheres trans com classificação vocais como baixo-barítono, barítono e tenor atuando em montagens acadêmicas e profissionais de ópera. Finalmente parece estar havendo um entendimento de que a voz não está ligada a um determinismo biológico, ela é, antes, uma construção social.

Entender que a voz é uma construção, uma espécie de “montação” *drag* desenvolvida e experienciada no decorrer da vida e a partir de processos socializadores e educadores fará toda a diferença para a construção de uma nova perspectiva no ensino e performance do canto operístico e lírico.

Enquanto arte, a música e o canto não devem se prender a padrões sociais opressores e castradores. Pelo contrário, a arte precisa estar na vanguarda da sociedade, levantando as bandeiras da liberdade, da autoaceitação e de uma educação emancipatória, segura e inclusiva.

A voz e o canto devem ser usados como ferramentas de expressão artística e identitária, mas desprendidos de valores sociais que reprimem as identidades individuais e artísticas. A voz deve ser pensada como um instrumento livre de amarras de gênero, com o qual é possível soar como se deseja soar e ser como se deseja ser.



Referências

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Butler, Judith. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, n. 42, p. 249-274, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2023.

CALDEIRA, Bruno. *O processo de despedir-se de uma voz: percursos de transição vocal de cantores transmasculinos*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26150>> Acesso em: 15 jul. 2023.

CALDEIRA, Bruno. *Em que gênero eu canto: a operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros*. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33495>> Acesso em: 15 jul. 2023.

Monet X Change Talent Show Performance: *Rupaul's Drag Race All Stars 07 Episode 11*, 2022. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal RuPollo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jht5xk6rBA8>. Acesso em: 15 jul. 2023.

NEVES, Christopher Smith Bignardi; GOMES, Paulo Gabriel Ferreira; BRAMBATTI, Luiz Ernesto. Método Auto(Arte)Etnográfico: proposituras a drag queens. *Ambivalências: Dossiê arte e gênero*, Curitiba, v. 8, n.15, p. 205-237, jan.-jun. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.21665/2318-3888.v8n15p205-237>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Marin W; GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 343-364

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995. Disponível em: <https://archive.org/details/scott_gender> Acesso em: 3 nov. 2020.

SETTON Maria da Graça Jacintho. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. *Revista Brasileira de Educação* v. 14, n. 41, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782009000200008&script=sci_abstract&tlang=pt> Acesso em: 15 jul. 2023.



TRAVASSOS, Elizabeth. Um objeto fugidio: voz e “musicologias”. In: MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (orgs.). *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. p. 99-123.

ZAMPIERI, Giovana B. *Construção, desenvolvimento e experiências do universo queen*. São Paulo: Edição da Autora, 2017.